

ANOS 70 DISTRIBUIÇÃO E EXIBIÇÃO DE CINEMA EUROPEU EM PORTUGAL

Jorge Paixão da Costa

Falar de distribuição de cinema, e consequentemente de exibição, é aflorar uma matéria muito pouco grata aos filmes produzidos na Europa.

Embora este nosso continente figure entre os maiores produtores de filmes, com cinematografias peculiares (como é a portuguesa) que, com maior ou menor quantidade de produções cinematográficas são consideradas de qualidade, a verdade é que os filmes europeus, são na sua maioria consumidos pelos espectadores dos países que os produzem.

Uma das razões apontadas como estando na origem da falta de circulação de filmes europeus por todo o mundo e particularmente pela Europa, é sem dúvida a ineficácia dos canais de distribuição europeus.

Em Portugal desde finais dos anos 70 que a exibição de filmes europeus foi caindo para níveis pouco adequados às políticas europeias de apoio ao cinema.

No início dos anos 90, recuperou-se uma franja desse mercado da distribuição e da exibição.

No entanto, por ser muito pouco significativa, acaba por corroborar as teses de muitos dos estudiosos do fenómeno do cinema, que consideravam e consideram o cinema europeu irremediavelmente perdido, na Europa.

Observando a situação do mercado nos anos 70, poderemos melhor compreender a evolução e a situação do mesmo, respectivamente nos anos 80 e 90.

Baseado no material que recolhi quando da minha dissertação de licenciatura, (que visava estudar justamente o fenómeno da distribuição e da exibição, particularmente a dos filmes suecos distribuídos em Portugal na década de 70), pretendo com este artigo ilustrar esse mesmo mercado, num âmbito mais largo.*

A distribuição

As áreas da distribuição e da exibição são seguramente as áreas da actividade cinematográfica em que mais dificuldades encontra, quem se disponha a investigar sobre esta matéria.

Embora as empresas responsáveis pela distribuição de filmes europeus em Portugal durante a década de 70 fossem imensas, a maior parte delas já não se encontram em actividade, o que também dificultou a recolha e sistematização de material.

As companhias que controlavam a distribuição nos anos 70 em Portugal dividiam-se, à semelhança daquilo que se passa actualmente, em quatro blocos...

Castelo Lopes, as multinacionais (Columbia & Warner, Rank e Fox film) Lusomundo e Intercine. Castelo Lopes era, já nessa época, uma das maiores e mais antigas distribuidoras. A sua acção concentrava-se essencialmente nas maiores cidades (Lisboa e Porto). Columbia & Warner, Rank e Fox film são, como se sabe, conhecidas distribuidoras norte americanas

Dado o tamanho reduzido do nosso mercado, a Columbia e a Warner decidiram operar em conjunto em Portugal, concentrando-se essencialmente na distribuição dos seus filmes.

Os dois últimos grupos (Intercine e Lusomundo) representavam dois importantes blocos de distribuição que a pouco e pouco foram desenvolvendo uma estratégia de mercado, que visava essencialmente controlar a exibição, tornando-se proprietários da maior parte das salas de cinema do país, com especial incidência nas grandes cidades.

Com esta política de exibição, este bloco, que nos dias de hoje é conhecido apenas como "Lusomundo", granjeou um poder de tal maneira forte, que as políticas de distribuição dos outros intervenientes, passaram a depender das salas de cinema disponibilizadas pela Lusomundo.*

A Lusomundo, ainda detinha sob o seu controle as seguintes distribuidoras: Sonoro Filmes, S.I.F., Paramount e Exclusivos Triunfo.

A Intercine controlava as seguintes distribuidoras: Doppefilmes, Talma Filmes, Filmes Ocidente, Mundial Filmes, Distribuidores Reunidos, Filmtalus, Internacional Filmes e Espectáculos Rívus - Sofilmes.

A importância desta política de controle dos meios de exibição, traduzia-se ainda pelo controle que a Lusomundo detinha em Lisboa sobre seguintes cinemas:

Apolo70, Berna, Tivoli, Calcidoscópio, Eden, Alvalade, Pathé e parcialmente o Roxy.

No Porto:

Água D'Ouro, S. João Cine e Valeformoso

Em Coimbra:

Tivoli

No resto do país, várias salas (embora pequenas) nas localidades de: Amarante, Alcanena, Alcobaça, Alfarrède, Arganil, Alverca, Arraiolos, Aveiras de Cima, Aveiro, Barreiro, Beja, Brandoa, Braga, Cacem, Caldas da Rainha, Cartaxo, Covilhã, Ermezinde, Figueira da Foz, Fundão, Grandola, Mangualde, Men Martins, Mirandela, Manteigas, Moura, Lagoa, Nelas, Paio Pires, Parchal, Peniche, Pombal, Póvoa de Santa Iria, Póvoa do Varzim, Regengos, Sacavém, S.Braz de Alportel, Salvaterra de Magos, Santarém, Santiago do Cacém, Sardoal, Santo Tirso, Torre de Moncorvo, Venda Nova, Vila da Feira, Vila Franca de Xira, Vila Real de Santo António, Vila Real, Vila Viçosa, e Vizela. Esta rede cobria Portugal de norte a sul. Muitas destas localidades, tinham e têm ainda hoje, (as que detiveram o privilégio de as conservarem) apenas uma sala, sendo muitas delas próximas das grandes cidades de Lisboa, Porto e Coimbra.

A Intercine controlava em Lisboa:

Monumental, Satélite, Estúdio, Europa, Vox, Cincarte, Mundial, Politeama, Castil, Avis, Estúdio 444 and Roma.

No Porto:

Júlio Diniz

No resto do país a Intercine, controlava as salas nas localidades de: Aljustrel, Bombarral, Carcavelos, Entroncamento, Ferreira do Alentejo, Golegã, Marinhas, Monte Real, Nazaré, Odmira, Rossio ao sul do Tejo and Cascais.

A Intercine trabalhava em consonância com um outra distribuidora baseada no Porto (SAGIL), assim controlavam também:

em Coimbra:

Avenida Sousa Bastos

No resto do país (mais uma vez através da SAGIL) as salas de cinema nas localidades de:

Armação de Pêra, Elvas, Estremoz, Évora, Montemor o Novo, Portimão, Sintra and Viseu

Nas ilhas da Madeira e Açores Intercine controlava:

Na Madeira:

Teatro Municipal, Cine Parque e Circuito

Nos Açores:

Cinema dos Recreios, Cinema da Fanfarra and Teatro Faialense assim como alguns exibidores ambulantes que levavam filmes a locais onde a exibição era requerida com frequência.

Lusomundo controlava na Madeira, Cine Jardim e Esplanada Jardim. Não detinham, nessa década nenhuns interesses no Açores.

Como já aqui foi declarado, a maior parte destas localidades eram pequenas aldeias e vilas no litoral que não possuíam mais que uma ou duas salas de cinema. Onde havia mais de uma sala os patrões locais cooperavam com os maiores distribuidores dividindo os lucros entre si.

Tomemos, como exemplo, uma cinematografia muito especial e curiosa, que por várias razões (que não podem aqui ser analisadas) se tornou muito popular nesta época: o cinema Sueco.

Dos 56 filmes suecos que nos anos 70, foram distribuídos em Portugal, o grupo Intercine distribuiu cerca de 17.

O distribuidor Castelo Lopes sozinho distribuiu 22 filmes, uma quantidade superior ao somatório da Lusomundo e Intercine juntos.

Em resumo: estes dois grupos eram tão poderosos que juntos representavam o controle de mais de 95% do aparelho de distribuição. Esse controle estabeleceu-se através da aquisição de salas ou através de um poder de decisão sobre essas salas de cinema.

Do total de filmes europeus importados nesses dez anos, estes dois blocos foram responsáveis por pouco mais de 35% do total das importações. Verifica-se com toda a clareza, um desinteresse pela promoção de filmes europeus por parte destas empresas.

O poder destes dois grupos condicionava naturalmente a distribuição e exibição de filmes europeus, em Portugal, durante a década de 70.

As salas de cinema

As características das salas de cinema que eram controladas por estes dois grupos de distribuição, eram na época semelhantes às características verificadas na actualidade. No entanto a preocupação com a qualidade da projecção, não era tão cuidada como aquela que se constata actualmente. Havia, isso sim, uma aposta na quantidade de espectadores por sessão.

Na década de 70, havia mais de cem salas de cinema, distribuídas por toda a área metropolitana de Lisboa.

Para quem conhece a cidade de Lisboa, é imediatamente perceptível, que estas salas de cinema estavam, praticamente todas, localizadas, ou no centro ou muito perto do centro da cidade.

Tanto em Portugal como em qualquer cidade cosmopolita, o público das superfícies urbanas, é normalmente o melhor barómetro, para avaliar a potencialidade de um filme, no que diz respeito ao seu agrado. Esses padrões de aferição, aplicam-se ao resto do país.

O cinema europeu, e particularmente o sueco, era sem dúvida, consumido por um público cosmopolita, urbano (proveniente certamente da classe média e pequena burguesia).

É minha opinião que os distribuidores tiveram muito cuidado no que respeita a localização e às características das salas que exibiram filmes europeus. Uma das mais populares salas de cinema, era o cinema Alvalade. Localizado no centro das chamadas Avenidas Novas, era nesta época propriedade de um família emigrante, de origem Indiana. A sua capacidade, ultrapassava os 800 espectadores. O público era muito heterogéneo, constituído por uma percentagem significativa de cidadãos da classe média.

Controlado pela Lusomundo, o Apolo 70, tinha uma capacidade para cerca de 260 espectadores. Localizado num centro comercial, apresentava 5 sessões por dia para um público, muito heterogéneo, predominante da classe média.

Uma das particularidades desta sala, era a aposta evidente nos filmes chamados "de qualidade", onde pontuavam os filmes de origem europeia.

O Caleidoscópio, era mais uma sala instalada num centro comercial. Isolada, com as características de estúdio, esta sala era pequena. Uma das suas particularidades, era a programação que tinha como objectivo agradar um público heterogéneo. Outra das suas particularidades eram as sessões de filmes infantis.

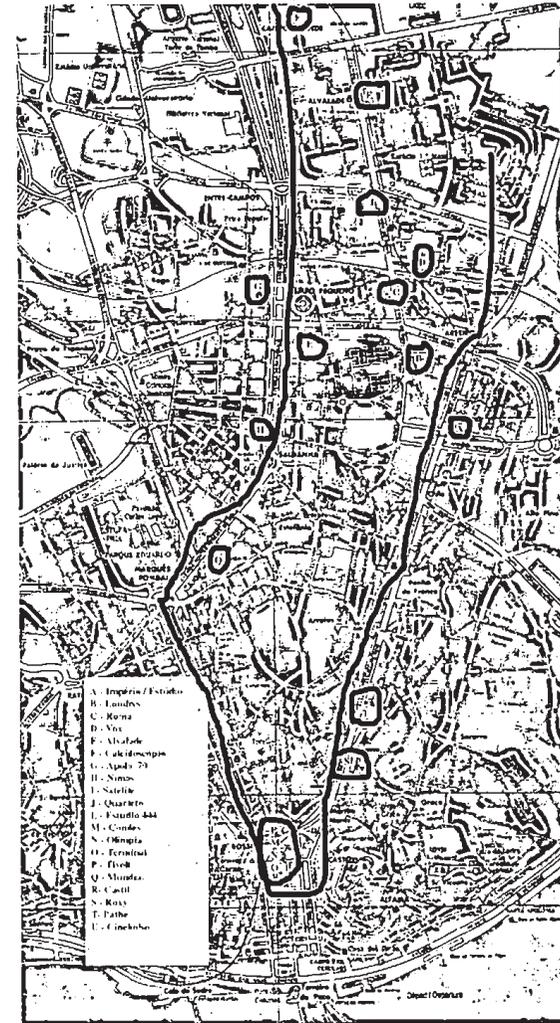
O facto de ser uma sala isolada, visava uma estratégia orientada para atrair um público constituído principalmente por estudantes. O Caleidoscópio estava localizado muito perto da cidade universitária.

Esta estratégia, contudo, resultou de uma forma negativa, ou seja, a sala não atraía estudantes, de uma forma significativa.

O Castil, também estava instalado num centro comercial. Com uma capacidade para mais de 200 espectadores, mostrava filmes muito comerciais, especialmente com ingredientes ousados. Estava localizado numa zona da cidade, caracterizada pela sua dinâmica comercial, o que contribuiu para a afluência de um público heterogéneo da classe média.

Situada no centro da cidade, o Condes foi uma das mais populares salas de cinema da capital.

A sua vocação para a exibição de filmes europeus era notória, especialmente de origem francesa e italiana, que contrabalançava com a exibição de comédias americanas.



No mapa anexo estão localizadas as salas onde, nos anos 70, foram exibidos vários filmes de produção europeia, nomeadamente cerca de 56 filmes suecos.

A frequência era possivelmente das mais heterogéneas, dada a sua localização e a sua capacidade que rondava cerca de 500 espectadores.

O Cinebolso era uma pequena sala que exibia *spot* e *hard core* (pornografia, após 1974) para uma audiência constituída especialmente por elementos da classe operária.



O Estúdio era uma sala que se caracterizava por exibir filmes de alta qualidade onde pontuavam (ver outra palavra) os filmes europeus identificados com o avançadismo. Depois de Abril de 1974, especializou-se em filmes importados dos países socialistas. Era muito frequentado por intelectuais e cineclubistas. Localizado no topo do cinema Império, apresentava uma capacidade de cerca de 100 lugares.

Controlado pela Dopperfimex e Talmafilmes, localizado no chamado eixo cinematográfico, o Estúdio 444 tinha uma capacidade para cerca de 300 espectadores. A sua especialidade eram os filmes europeus das pequenas cinematografias (Bélgica, Suécia, etc) passando por cinematografias mais ambiciosas como a Germânica, onde os filmes exibidos eram considerados de alta qualidade. O público era muito homogêneo, da classe média e integrava essencialmente intelectuais e apreciadores de bom cinema.

Uma das maiores salas de cinema, com uma capacidade para cerca de 800 espectadores o Império, era uma sala que também estava localizada no eixo cinematográfico da cidade. A sua programação era essencialmente composta por grandes êxitos e super produções do cinema norte americano. O público que frequentava esta sala era muito heterogêneo, no que diz respeito ao gosto e à sua origem social. Daí a exibição com uma notada assiduidade de filmes europeus.

Com uma capacidade de 400 lugares, e frequentado por um público essencialmente da classe média, o Londres também localizado no eixo cinematográfico da cidade, num pequeno centro comercial, tinha uma vocação para exibir filmes europeus, particularmente os mais populares e muito comerciais.

O Mundial, com uma capacidade de cerca de 400 lugares, também exibia filmes comerciais. No entanto o público que frequentava esta sala era diferente daquele que frequentava o Londres.

Propriedade do governo, o Nímas era uma sala muito especial com capacidade para cerca de 150 espectadores. A sua programação era constituída principalmente por filmes europeus de qualidade e de todos os géneros, estendendo-se desde o avantgard ao político passando pelo experimental. O público era formado principalmente por representantes de uma elite intelectual.

Considerado como um local vasto, com cerca de 400 lugares e localizado no centro da cidade a poucos metros do cinema Condes, o Olimpia exibia principalmente filmes pornográficos (*soft e hard core*).

O público era constituído essencialmente por uma percentagem muito significativa de espectadores procedentes da classe operária, assim como algumas figuras associadas à marginalidade.

Com uma aptidão para cerca de 250 espectadores, o Pathé estava localizado perto de uma zona da cidade (Intendente) com um alto nível de criminalidade e prostituição. Filmes de cariz comercial, géneros violentos e de sexo, eram os filmes preferidos da clientela iminentemente operária que frequentava esta sala.

O Quarteto era, tal como hoje, um complexo de 4 salas, cada uma das salas com 150 lugares, que exibiam regularmente 4 filmes diferentes. A sua escolha, no que diz respeito à programação caracterizava-se por uma exigência de grande qualidade dos filmes. O público era na sua grande maioria constituído por apreciadores de bom cinema (intelectuais, cineclubistas, cinéfilos).

Localizado nas Avenidas Novas, não muito longe do cinema Londres, o Roma, era um dos maiores cinemas. Estava habilitado para receber cerca de 1000 espectadores, provenientes de todas as classes sociais.

O Roxy, compreendia uma lotação de 650 lugares. Dado a proximidade entre os dois, recebia o mesmo tipo de público e exibia os mesmos géneros do cinema Pathé.

O Satélite era uma sala pequena, com cerca de 70 lugares localizado muito perto do centro da cidade. A exibição de filmes europeus de qualidade era muito frequente. O seu público alvo era o mesmo que frequentava o Quarteto, o Nímas e todas as outras salas que exibiam filmes de qualidade com boas referências por parte da crítica.

Situado a poucos metros do Condes e do Olimpia, na estação central de caminhos de ferros de Lisboa (estação do Rossio), o Terminal tinha uma capacidade para cerca de 100 espectadores. O público era muito heterogêneo, originário de todas as classes sociais e com gostos muito ecléticos.

O Tivoli também se encontrava nas proximidades do centro da cidade (a meio da Avenida da Liberdade). A sua capacidade, era de cerca de 800 espectadores.

A programação baseava-se essencialmente em filmes de cariz popular (aventuras, acção, etc) mas de grande qualidade. Dado a sua capacidade e características da programação o público afluente era muito heterogêneo.

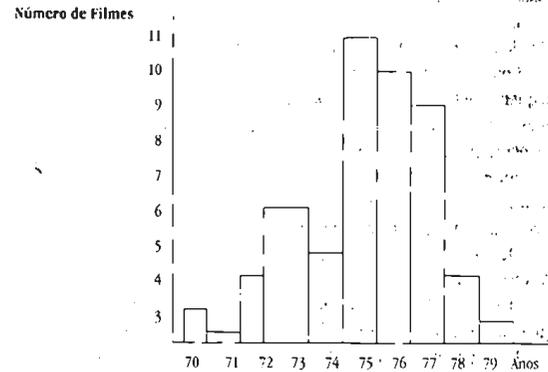
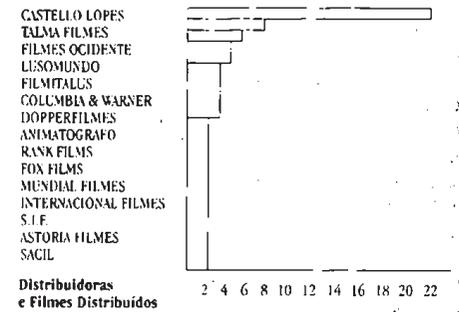
O Vox estava situado, tal como o Alvalade, o Roma o Londres e o Quarteto, nas "Avenidas Novas". A sua capacidade era para cerca de 250 lugares. Tal como os outros cinemas, mencionados, o público que frequentava era muito heterogêneo no que respeitava a gostos, mas muito homogêneo no que respeitava a classe social (classe média).

Embora a presença de representantes da classe operária fosse também visível no que respeita ao consumo de filmes europeus nos anos 70, os principais consumidores foram, no entanto, essencialmente os membros mais esclarecidos e intelectuais da classe média.

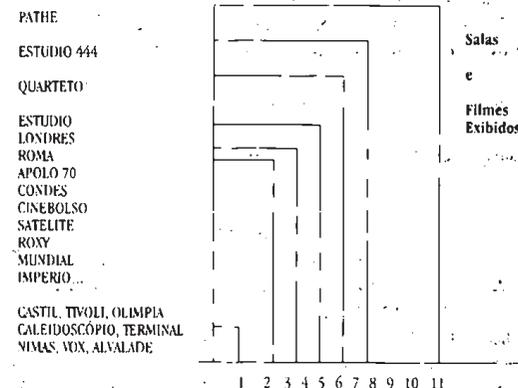
Os poucos espectadores originários da classe operária, como já vimos, frequentavam principalmente salas cuja programação continha os géneros mais populares ou filmes com conteúdos imorais (sexo, violência nas salas do Condes, Cinebolso, Pathé, Roxy, etc).

Se mais uma vez tomarmos como exemplo o cinema Sueco, verificamos que estas salas, apresentaram, nos anos 70, cerca de 18 filmes o que representava 32% do total de filmes europeus exportados para Portugal nesse década.

Filmes Suecos distribuídos em Portugal - anos 70



No que concerne aos grupos etários, as informações recolhidas no



"Boletim da Actividade Cinematográfica" apontavam os adultos como o maior grupo de consumidores desse tipo de filmes, seguidos pelos adolescentes numa percentagem consideravelmente inferior.

Finalmente, os filmes classificados para crianças, com uma percentagem diminuta e não notificável.

Podemos concluir, através do exemplo sueco, que 67% dos filmes europeus exibidos em Portugal durante os anos 70 foram vistos por adultos provenientes da classe média, secundados por uma percentagem de espectadores originários da classe operária. Os outros 33% foram exibidos para adolescentes e crianças, também oriundos da classe média.

Conclusão

A revolução de 25 de Abril de 1974, mudou quase radicalmente a sociedade portuguesa. Essa mudança reflectiu-se na nossa forma de olhar a Europa e as sociedades europeias. Esse olhar incidiu também no cinema e especialmente na forma de ver cinema europeu.

Antes da revolução, ou seja nos primeiros quatro anos da década de 70, só tinham sido exibidos em Portugal 19 filmes suecos. Depois de 25 de Abril de 1974 e até ao final da época foram exibidos 37 filmes da mesma nacionalidade.

A ditadura e a censura tinham obviamente sido factores sérios, que contribuíram para o desinteresse e inércia por parte dos distribuidores e exibidores, no que respeitava a importação de filmes europeus, mas não nos podemos abstrair dos valores da própria sociedade que para isso também contribuíram.

O 25 de Abril e a conseqüente abolição da censura, a curiosidade e o desenvolvimento intelectual de uma sociedade amordaçada, veio contribuir naturalmente para a divulgação de cinematografias desconhecidas, ao mesmo tempo que se mantinha o gosto pelos tradicionais géneros populares. Esta dinâmica acabou por se desvanecer.

As causas são evidentes: Por um lado a mudança que se veio a operar na forma de consumir cinema. Por outro as políticas gerais de distribuição e exibição.

As grandes salas com capacidade para muitos espectadores desapareceram, dando lugar a várias salas com outras características (ou mais pequenas, ou onde outrora estava uma sala de grande capacidade iam nascendo complexos de várias salas, mas com lotações nunca superiores a 150 espectadores por sala.)

Muitas das salas fecharam contribuindo assim para uma aglomeração diferente (do ponto de vista geográfico, como aconteceu na capital) por parte do público activo.

Estes fenómenos reproduziam-se com as mesmas características em Lisboa e no resto do país. O mosaico da distribuição alterou-se lentamente. Os dois blocos, Intercine e Lusomundo foram distribuindo cada vez menos filmes europeus. O distribuidor, natural dos filmes europeus,

Castello Lopes, foi perdendo espaço de distribuição.

As pequenas distribuidoras vocacionadas para a distribuição de filmes europeus, foram sendo assimiladas pelos dois grandes blocos, tendo resultado, no fim um só, que hoje dá pelo nome de Lusomundo.

A vocação do grupo Lusomundo para distribuir filmes europeu, já era débil antes dos finais da década de 70. Nos anos que se seguiram tornou-se praticamente nula. O cinema europeu passou rapidamente a ser, apenas, uma "memória".

Referências bibliográficas

Boletim Cinematográfico - *Secretariado do Cinema e da Rádio*, Lisboa - Portugal - Janeiro 1970 - Dezembro 1979

Isto é Espectáculo - n. 7, Lisboa - Portugal - Junho 1977

Boletim do Sindicato dos Profissionais de Cinema - n. 2, Sindicato dos Profissionais de Cinema, Lisboa - Portugal - Janeiro 1975

Boletim do Instituto Português de Cinema, Instituto Português de Cinema, Lisboa - Portugal - Novembro 1979

A Capital - Jornal - A Capital, Lisboa - Portugal - 17 Fevereiro 1982